

# Representação é defendida, mas propostas variam

Quem passou indiferente ontem ali pela frente da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Comércio, na 902 Sul, não sabe o que perdeu. Durante todo o dia o auditório da Confederação foi palco de uma calorosa discussão sobre o voto no Distrito Federal. Políticos, sindicalistas, associações: todos presentes. O debate, porém, se dividiu em três segmentos: os que querem voto em todos os níveis; os que querem representação política só a nível de Congresso Nacional; e os que não querem voto. Estes, em minoria absoluta.

Ficou nitido o pensamento destes segmentos, mas também ficou claro que os interesses que vão definir o nível de votação no Distrito Federal são de classe de categorias. Por exemplo: a opinião dos sindicatos patronais, endossada pela maioria dos parlamentares que ali estiveram, é de que o brasiliense deve ser representado apenas por deputados e senadores. O presidente da Associação Comercial de Brasília, Lindberg Aziz Cury, que compartilha o mesmo pensamento do setor patronal, faz uma análise da posição:

— Este seminário conduz ao projeto de abertura do presidente Figueiredo, e nós, da associação, não poderíamos nos furtar a dar nossa opinião. Nós queremos votar, mas queremos eleger representantes apenas na Câmara e no Senado. Isso porque uma assembleia legislativa hoje demanda tempo e para que o projeto seja aprovado rapidamente, sem contratempos, essa é a solução ideal.

O sistema proposto por Lindberg é defendido pelo ex-senador Jarbas Passarinho, líder do PDS paraense, e pelo deputado peemedebista Aldo Fagundes, que falou pelo CONAM - Comitê Nacional pela Autonomia Municipal. Passarinho acredita que a tática correta, no momento, é a de se começar com este sistema, no qual são eleitos seis deputados e três senadores. Ele dá o exemplo da democracia norte-americana e cita Washington, onde os representantes não são eleitos pelo povo.

O deputado Aldo Fagundes, por sua vez, acha inaceitável que uma cidade da expressão de Brasília não tenha uma tribuna. Ele explica que o poder hoje não é mais uma outorga, pois o povo já demonstrou sua aptidão para o autogoverno. Neste ponto, o parlamentar procura fazer uma diferenciação entre os conceitos de povo e massa: "Quem gosta de lidar com a massa são os autoritários, e quem não decide seu destino está incluso no conceito de massa. Na verdade, aqui no Distrito Federal a massa quer se tornar uma parte do povo brasileiro".

Depois de expor o ponto de vista do CONAM, quase sur-

preendendo a todos, Aldo Fagundes afirma que é a favor do gradualismo. Ou seja, representantes só no Congresso. Quem não se surpreendeu com o ponto de vista do parlamentar foi Antônio de Pádua Maia, da Associação de Moradores de Taguatinga da QND:

— Quando o assunto nem estava em pauta eles defendiam ardorosamente o voto em todos os níveis no DF. Agora, defendem representação só a nível de Congresso. Na hora da votação, tomara que haja pelo menos quorum. Nós queremos votar para todos os níveis.

Francisco Domingos dos Santos, o já bastante conhecido presidente da Associação dos Vigilantes, em nome de sua entidade também quer votar em todos os níveis. Ele acredita que neste seminário os anseios da população da capital da República vão ficar claros. Melhor, será evidente para o próprio governo que a representação política para o DF não é idéia de apenas algumas pessoas, mas um desejo de todos.

Francisco é de opinião que se vencer a alternativa proposta pelos empresários, o povo de Brasília não estará bem representado porque a elite, "os que detêm o capital", vão continuar a exercer o poder sem pensar realmente nos que os elegerá. Como exemplo, Francisco aponta os parlamentares presentes ao seminário:

— Eles acreditam que estão defendendo os interesses do povo, mas não estão. O povo está aqui representado por seus sindicatos e associações, que somam mais de 30 entidades. Numa breve consulta a estas entidades fica claro o desejo de todos: Brasília quer votar em todos os níveis. Francisco argumenta que quando o governo quer as coisas acontecem. "Rondônia foi transformado em Estado por interesses eleitorais".

José Neves, presidente do Sindicato dos Comerciários — um dos mais representativos de Brasília, como Francisco, como Antônio de Pádua, e Eurípedes Pedro de Carvalho, presidente da Associação dos Incansáveis Moradores de Ceilândia, entre outros representantes de entidades de trabalhadores, crê no segmento que defende o voto em todos os níveis e faz sua previsão: a população vai vencer.

Quem vai vencer, ainda é uma previsão difícil, fácil apenas para os profetas. Mas que em breve o brasiliense estará depositando seu voto nas urnas é até óbvio. Só uma atitude do representante do PDT durante o seminário já diz tudo. Paulo Timm, coordenador do PDT goiano, deixou o auditório por alguns instantes, foi ao telefone e convocou outros pedetistas a ir para lá. "Desta vez o negócio está saindo".

## Iniciativa é elogiada

Para Pompeu de Souza, presidente da ABI — Associação Brasileira de Imprensa — e também do Sindicato dos Escritores de Brasília, toda iniciativa no sentido de debater a representação do DF é louvável. O jornalista qualifica o seminário como "uma iniciativa especial, pois 'tudo indica que daqui sairá um resultado interessante'. Ele acha um fator determinante para que isso aconteça o envolvimento de três importantes veículos de imprensa.

Para o presidente da Associação dos Incansáveis Moradores da Ceilândia, Eurípedes Pedro de Carvalho, é concreta a tomada de corpo mais concretamente a questão do voto no Distrito Federal. Ele acredita que o seminário gera um comprometimento das autoridades com a população, "aqui" representada por várias entidades de classe. Eurípedes procura deixar claro que sua associação não tem caráter partidário, quer apenas votar.

O primeiro-secretário da associação, Guilherme Müller, mais desconfiado, acha a iniciativa boa mas com interesse de terceiros. Para ele, o Governo Federal "sabe" que o DF é de oposição, e como é

claro que do voto não há escapatoria, tomou a iniciativa. Guilherme tem 22 anos e nunca votou. Caso o seminário não resulte numa proposta concreta e viável, a exemplo de muitos filiados da associação, vai transferir seu título para outro local, talvez Goiás, revela.

José Neves, presidente do Sindicato dos Comerciários, é de opinião que o seminário é

espetacular, pois vai abrir um problema que afeta diretamente a comunidade. Para ele, todas as posições a respeito do voto em Brasília vão ficar claras com este seminário.

Daqui deverá sair uma posição que esperamos ser a do voto para todos os níveis".

O presidente da Associação Comercial do DF, Lindberg Aziz Cury, que é contrário a posição de José Neves, quer voto

apenas a nível de Congresso, lembrou que o seminário conduz ao projeto de abertura do presidente Figueiredo. Segundo ele, a associação já sentiu a grande vontade popular, que é a de votar, ecreditando que esta é uma iniciativa muito boa.

O presidente da Associação dos Vigilantes de Brasília, Francisco Domingos dos Santos, afirma que o seminário é da maior importância. Segundo ele, antes do seminário os vigilantes, em conjunto com outras associações, fazia este debate, mas agora, com a realização do encontro promovido por três poderosos veículos de imprensa, as discussões neste sentido estarão canalizadas. Ou seja, será dinamizado o debate sobre o voto no DF.

A realização do seminário foi defendida por todos: do ex-senador Jarbas Passarinho ao presidente do Sindicato do Comércio Varejista, Ney Carnel.

Ney não acredita no voto para o DF. Ele acha mais interessante que os brasilienses se utilizem mais da comissão no Senado para Assuntos do DF.

Mas mesmo lhe dando Ney é enfático na opinião de que este seminário há muito é um desejo do brasiliense.